

PÉ DO RÁDIO

GAZETA MERCANTIL

Crise econômica não é apenas um problema do Brasil, diz Sarney

O momento político e econômico atual foi o tema abordado na sexta-feira pelo presidente Sarney, em seu programa Conversa ao Pé do Rádio. Segundo Sarney, a crise econômica e a luta contra a inflação não são apenas brasileiras. "O problema dos salários baixos, da dívida externa, não foram criados por mim, mas tenho procurado resolvê-los", afirmou.

De acordo com Sarney, ao mesmo tempo em que se registram índices altos de inflação, os investimentos surpreendem. No ano passado, afirmou, os investimentos alcançaram a marca de 23,18%, havendo pois uma disposição de investimentos. A seguir, a íntegra do pronunciamento do presidente.

"Brasileiras e brasileiros, bom-dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma das nossas conversas ao pé do rádio de todas as sextas-feiras. Hoje, 19 de maio de 1989, quero dizer uma palavra sobre o delicado momento político que estamos vivendo, com a abertura das campanhas eleitorais. Coube-me promover a transição democrática, o equivalente à travessia que levaria o Brasil ao regime de plena liberdade das eleições diretas em todos os níveis, da livre manifestação do pensamento e da organização nacional.

A sucessão presidencial é, sem dúvida, a última etapa desse processo e, por isso, a mais delicada de todas, pois, estamos todos também sofridos por esse longo processo, por essa delicada travessia. O desenvolvimento político, acelerado, de uma nação não é fácil, nem gratuito, nem o caminho da democracia é um caminho de flores.

A liberdade do povo brasileiro, o povo inteiro, suas minorias, minorias que nem ao menos tinham o direito de se organizar, viviam na clandestinidade ou diluídas em outras organizações não foi acertada por decreto, mas por decisões corajosas que superaram resistências e preconceitos.

O tempo para promover essa reabilitação dos direitos da sociedade foi muito curto, porque não é num período de quatro anos que se restauram totalmente instituições nem práticas democráticas. Mas mesmo assim nós demos avanços extraordinários e podemos dizer que conseguimos o milagre que Juscelino fez, de desenvolver o País — 50 anos em 5 —, nós podemos dizer, que, sob o ponto de vista democrático, nós fizemos em 4 anos o que se faria em 40 anos.

com a luta contra a inflação e, sobretudo, com esta renitente criação de perspectivas desfavoráveis sobre a economia, que passou a ser quase que uma histeria a serviço do pessimismo. Tenho sempre lembrado que a crise não é uma crise brasileira. A inflação não é só brasileira, não ameaça apenas o Brasil.

O problema da dívida externa, o problema dos salários baixos, todos esses problemas não foram criados por mim, mas tenho procurado resolvê-los. Sempre tive a coragem de enfrentá-los e, por três vezes, fiz choques na economia. Precisa-se ter muita coragem para fazer isso. Sempre soube dos riscos que tinha para assumir essas decisões e sempre estou insistindo em novas tentativas, sem o respaldo político que nas democracias é sempre dado àqueles que têm de tomar decisões como as que tenho tido oportunidade de tomar.

E preciso que haja, portanto, compreensão para que se possa avaliar o que o Brasil avançou no campo democrático, queimando etapas. E preciso que se possa avaliar o esforço que foi feito e também o esforço que devemos fazer no caminho e na reta da chegada neste ano, que é o ano da sucessão presidencial, em que nós não podemos ser envolvidos pelas paixões, nem pela tentação da violência comprometedoras dos avanços. Principalmente porque não há motivo, nem para desespero, nem para pessimismo. Muito pelo contrário, para cada número negativo, temos sempre neste país dois ou três índices positivos.

E justamente isto que faz do Brasil um país de grandes contrastes. Eu estou acompanhando as iniciativas e esforços de diferentes líderes da comunidade nacional, para tirar a paixão do debate e as ações empreendidas pelas forças políticas e sociais nesta conjuntura. De fato, para a preservação das conquistas democráticas, que meu governo e o Congresso implementaram nos últimos 4 anos, é preciso que as forças políticas e sociais situem suas ações dentro das regras das instituições.

Por mais justas que sejam as reivindicações, não devem extrapolar o marco constitucional, através do ordenamento jurídico que existe, formulado pela Constituição. Sem dúvida, existe uma grande disparidade no Brasil, no nível de renda. Este problema se acumulou durante as últimas décadas e está a merecer as correções exigidas pelo princípio da justiça social, na sua concepção democrática. Mas a melhor distribuição de renda não pode ser resolvida do dia para a noite, sob pressão de greves incontrolláveis e marcadas pela violência e por atentados ao patrimônio público e privado.

A Constituinte foi livre e eu mesmo, presidente da República, muitas vezes aqui, através dessa conversa, discuti suas propostas e decisões, que me pareciam temerárias ou impróprias, sem impor nada e sem coagir. Nem sempre meus conselhos, alertas e observações foram aceitos. Mas fui o primeiro a jurar a Constituição e, por todos os modos, estou procurando cumpri-la.

O Brasil é hoje uma democracia plena e o povo é livre como nas democracias mais adiantadas e antigas do mundo. Veja-se o exemplo da classe trabalhadora, os espaços que foram abertos pelo meu governo para que elas exercessem a sua vontade política, para que elas ocupassem o seu espaço dentro da sociedade e, hoje, a classe trabalhadora é presente, reivindicando e participando de todas as decisões da textura social.

O presidente da República é um cidadão como os outros, sujeito à lei, limitado em suas atribuições e, posso dizer, também, que foi no meu período de governo que nós deixamos de ter uma presidência imperial. A cada dia sentimos que nossa democracia e instituições estão mais sólidas. Infelizmente, tudo, porém, não depende da minha vontade, nem da minha humildade, nem da minha paciência. Depende da vontade e da compreensão de todo o povo brasileiro.

Vejamos o difícil momento econômico que atravessamos

Ainda há poucos dias, o doutor Herbert Levy, que dignificou o Parlamento brasileiro como representante de São Paulo, tratava do problema da distribuição de renda com extraordinária lucidez. O eminente homem público mostrava a necessidade de todos os setores da sociedade oferecerem sua contribuição ao governo, para que essas disparidades sejam atenuadas mediante acordos negociados dentro do melhor espírito democrático. E há razões para confiarmos numa evolução favorável e relativamente rápida desse quadro.

A economia nacional continua dando mostras de grande vitalidade. Novos pólos de desenvolvimento começam a surgir no interior do Brasil e apresentam marcas de produção surpreendentes. O oeste da Bahia, o Oeste de Minas Gerais, o vale do São Francisco, o novo Estado de Tocantins, o sul do Maranhão, a região do Centro-oeste tornam-se grandes produtores agrícolas. Há escassez, por exemplo, até de insumos agrícolas nos estados do Sul. Ao mesmo tempo, assiste-se, nesse processo de transformação, ao surgimento de novas atividades industriais no Brasil do interior.

Sobre essa febre de crescimento que ocorre em meio aos feitos e ameaças da inflação, vale assinalar o que dizem especialistas insuspeitos que tratam da nossa economia. Por exemplo, como eu disse, o Brasil é um País de contrastes. Enquanto temos índices altos de inflação, os nossos dados sobre os investimentos em 1988 são surpreendentes. Basta dizer que 1988 foi a terceira maior taxa dos últimos 19 anos. Ela atingiu a marca de 23,18% e somente foi inferior à de 1979.

Há, pois, uma manifesta disposição de investimentos no País, o que é, de certo modo, contrário ao que se teima em negar e se vai repetindo, e essas negociações, de tanto serem repetidas, quase que o povo toma como uma realidade, quando na verdade essas negociações fogem à realidade. Por outro lado, esses dados mostram que há um grande esforço de poupança no Brasil e que esse esforço foi elevado em 1988.

Eu vou terminar, portanto, com esta mensagem de otimismo que está embutida nas palavras que acabo de dizer, e confiar mais uma vez no grande esforço do povo brasileiro.

Antes, porém, eu quero dizer que estive no Paraguai, na posse do presidente Andrés Rodríguez, na segunda-feira. Estive em companhia do presidente Alfonsín e do presidente Sanguinetti. É mais um passo no caminho da integração e no fortalecimento da democracia. Fomos ajudar a consolidação do processo democrático do Paraguai com a nossa presença e com o desejo de que esse país irmão e amigo do Brasil, cada vez mais possa consolidar instituições e possa crescer e crescer juntos, porque esse é o lema da integração na América Latina. Vamos crescer, crescer juntos, que os nossos países tenham as mesmas esperanças e os mesmos problemas. Bom dia e muito obrigado".